



CARNAVAL: RENOVATIO MUNDIS E ORGIAS  
GASTRONÔMICAS EM TEXTOS ITALIANOS DO SÉCULO XVI

Fabiano Dalla Bona \*(UFPR)

\* Doutorando Letras  
Neolatinas (UFRJ)

*A Carnevale ogni scherzo vale*  
Provérbio italiano

*Cannalivari tutti li festi fa turnari*  
Provérbio siciliano

RIASSUNTO:

Facendo uso di alcuni concetti di Piero Camporesi, il presente lavoro propone una lettura di testi del '500 Italiano il cui tema è il Carnevale. Dalle antiche origini delle feste agrarie pagane, dai Saturnalia e dai Lupercalia, il testo percorre l'analisi del dualismo vita-morte, grasso-magro, Carnevale-Quaresima attraverso le rappresentazioni del cibo e della cucina. Il repertorio dei testi parte da quelli della tradizione popolare ai Canti Carnascialeschi di Lorenzo, il Magnifico e del bolognese Vincenzo Tanara

O étimo do termo Carnaval é controverso: a hipótese que melhor sublinha a natureza articulada da festa é aquela que coloca a origem do nome no uso de indicar, na Idade Média, o período precedente à Páscoa, isto é, o tempo anterior à abstinência da carne (*carnem levare*). Essa etimologia é persuasiva se ligada ao fato que não somente uma féria pode ser a origem da multiplicidade de símbolos e de significados, além das variadas formas locais que o Carnaval oferece; o período precedente à Quaresma era repleto de festividades no calendário antigo: solstício de inverno, purificações, ritos de fertilidade, festas primaveris, despertar da vegetação, início da estação das navegações e da guerra, mistérios salvíficos<sup>1</sup>. Outra hipótese liga o carnaval ao *currus navalis*<sup>2</sup>, festa em honra a Ísis que era celebrada em cinco de março, desde o século I d.C. A segunda hipótese parece menos persuasiva, enquanto Ísis tivera um culto muito sincrético e bastante difuso, tendo assimilado, de fato, quase todas as divindades femininas clássicas. Portanto, poderia ter permanecido algo das celebrações pela fertilidade das mulheres e da Natureza em geral. Todavia a festa do *navigium isidis* é de ser coligada às festas do início do ano, março, coincidindo com a retomada das atividades suspensas

durante o inverno, tais como a navegação, para a qual os marinheiros suplicavam a proteção de Ísis.

Na reconstrução da história do Carnaval, tem um significado imprescindível a contraposição entre Carnaval e Páscoa. Isso é evidente no grande número de festas tradicionais onde eram celebradas batalhas entre os dois períodos, representados por símbolos ou *mise-èn-scènes* da morte do Carnaval. Os antigos não celebravam uma festa de carnaval como a pensamos hoje, porém em algumas festas gregas e romanas é possível encontrar a origem de algumas tradições presentes no folclore italiano e de outros países europeus. Alguns estudiosos acreditam que a origem do Carnaval tem ligações com os ritos de purificação e propiciação da fertilidade dos *Lupercalia*<sup>3</sup>, celebrados em Roma desde remotíssimos tempos em 15 de fevereiro. Outros sustentam que as *Saturnalia*<sup>4</sup> (17 - 19 de dezembro) e as *kalendae januariae*, a celebração do ano novo, deslocadas de março para Janeiro por Augusto, todavia sem perder os elementos de uma festa primaveril, sejam as festas das quais descendem as tradições populares ainda vivas nos carnavais europeus, com base na coincidência de suas características: a permissividade generalizada, a inversão do tempo

1. GAUTSCHI, 1985, p. 65

2. O ponto culminante dos rituais carnavalescos era a dança em torno do *currus navalis*, o carro sobre o qual estavam içados os anões vestidos de Cardeais, os aleijados com a tiara do Papa, os idiotas com o barrete de veludo dos *Jurisconsultos*. (BURCKHARDT, 1953)

3. As Lupercalia (ou Lupercali) eram festividades religiosas romanas que se celebravam em 15 de fevereiro, em honra do deus da fertilidade Luperco (o Luperco), protetor dos animais e das messes, ou ainda, segundo outra hipótese formulada por Dionísio de Alicarnasso, para recordar o milagroso aleitamento dos gêmeos Rômulo e Remo por uma loba que havia recém parido filhotes. As Lupercalia foram uma das últimas festas pagãs a serem abolidas pelos cristãos. Em 496 o Papa Gelásio I endereçou um tratado teológico contra as Lupercalia ao príncipe senatus Andrômaco, que sustentava a defesa das Lupercalia: a aristocracia romana era ainda muito tradicionalista, mas Gelásio conseguiu obter a abolição da festa, substituída pela cerimônia da purificação de Maria, a ser celebrada com uma procissão de velas acesas no dia 2 de fevereiro. *miracolosu allattamento dei due*

gemelli Romolo e Remo da parte di una lupa che da poco aveva partorito. (VEYNE, 2006).

4. As Saturnálias eram uma antiga festividade da religião romana dedicadas à consagração do templo de Saturno e à mística idade do ouro; aconteciam de 17 a 23 de dezembro como fora estabelecido por Domício. As Saturnálias tinham início com grandes banquetes, sacrifícios, e orgias; os participantes costumavam trocar augúrios e dons simbólicos. Durante os festejos era subvertida a ordem social: os escravos podiam considerar-se temporariamente homens livres, e como eles podiam se comportar; era eleito, através da extração da sorte, um princeps, uma espécie de caricatura da classe nobre, ao qual era designado todos os poderes. Alguns desses antigos usos são ainda hoje reconhecíveis nos festejos de Natal e Carnaval. (GRIMALDI, P & CASTELLI, F., 1997)

5. (SENECA, 1999, p. 158).

ordinário, eleição de um rei da festa, de um escravo que será depois sacrificado, o travestimento, a inversão dos sexos e dos papéis sociais, os banquetes públicos, a troca de presentes e a promiscuidade. Durante as festas, aos escravos era dada a possibilidade de fazer chistes com o patrão, de sentar-se à sua mesa e de embriagar-se sem merecer as costureiras chicotadas dos tempos normais, o cárcere ou ainda a morte. Tais práticas foram documentadas por Sêneca na Carta XLVII a Lucílio, onde o filósofo escreve que "além disso instituíram um dia feriado no qual era, não só lícito, como obrigatório que escravos e senhores tomassem as refeições em conjunto"<sup>5</sup> Mais que uma festa singular, deve-se reconduzir o Carnaval a um conjunto de heranças de práticas rituais e crenças de diversos povos e de diversas épocas, cuja persistência encontra razão de ser enquanto expressões eficazes do sentimento religioso e supersticioso em confronto aos imutáveis eventos sazonais ligados à sobrevivência humana em âmbito agrícola e pastoral, condições nas quais viveram grandes substratos da população européia até a metade do século XX.

Todavia, o Carnaval como o conhecemos hoje é uma invenção medieval, antes de tudo no nome: excluindo a reconstrução etimológica mais conhecida

de *carne levare* (adeus à carne), reconheceu-se que o atual nome tem origens alto-medievais. O termo, pela primeira vez referido a esse período do ano, encontra-se num ato redigido em Subiaco no ano 965. Inicialmente indicava somente os dias que precediam imediatamente a quaresma. Mais tarde, em vista do iminente período de privações (não somente em âmbito alimentar), a vigília do jejum tornara-se um período variável, de poucos dias a muitas semanas, mas é principalmente na última semana, que culmina com a terça-feira gorda, que se concentravam os festejos e o consumo de carne exagerados.

O significado antropológico de tal fenômeno é o querer evidenciar o elemento sazonal: são consumidas as provisões do inverno de modo a propiciar a abundância e a fertilidade. O significado assumido pela carne era tão importante que em algumas cidades como Nuremberg, os festejos eram designados à corporação dos açougueiros. Desenvolvem-se, além disso, uma série de comportamentos de tipo folclórico paleocristãos, agrupáveis por algumas características comuns como a abundância de comida e a suspensão das proibições de modo particular a partir do século XI. No século XII, em Roma e em Londres, as crônicas testemunham alguns

modos por parte de grupos de pessoas, em sua maioria de jovens, que se organizavam para ritualizar a passagem das estações, de um período ao outro do ano. Portanto, o Carnaval tornou-se a ocasião para celebrar algumas formas de combate entre mascarados, às quais tomavam parte, diversas categorias de cidadãos que se enfrentavam a golpes de bastões, socos e pedradas. Essas formas de festejos, inicialmente toleradas pelas autoridades comunais, foram pouco a pouco regularizadas, por causa dos riscos à ordem pública que delas derivavam.

Ligada, desde as origens, a comportamentos paleocristãos, mais tarde confluídos no Carnaval (os traves-timentos ligados às *kalendae januarii*), o uso da máscara encara várias funções: símbolo da força da natureza, do mundo animal e de suas energias vitais e do mundo dos mortos, ocorrendo a personificação dos defuntos para depois exorcizá-los. A máscara, já que assimila quem a usa às suas próprias feições, fora condenada pela Igreja como um símbolo satânico. Condenada também pelas autoridades civis, por motivo de ordem pública, o uso da máscara consegue sobreviver, e no Renascimento, traves-timentos e máscaras se difundem especialmente nas cortes, contribuindo a incrementar um específico setor produtivo

e comercial: famosas eram as máscaras de Módena e de Veneza.

Uma poesia do século XIII descreve a luta de duas personificações mascaradas: Quaresma, odiada pela gente pobre e amada pelos poderosos, move seu exército constituído por várias espécies de peixes, enguias, arenques e baleias armadas de espadas feitas de linguados, contra Carneficina (Carnaval) amada por seus súditos, pois semeia fartura e agrupa em torno de si as carnes, as iguarias temperadas com molhos, os queijos e as tortas armadas de floretes feitos de porcos. A batalha entre as duas personagens é cruel e semeia a morte, até que chega o Natal em socorro de Carneficina e a leva à vitória. Para Quaresma, ao invés, resta a condenação ao exílio que dura o ano todo, exceção feita ao período de seis semanas e três dias.

O mito carnavalesco pressupõe uma cosmologia fundada sobre a morte e a ressurreição da natureza. Está intimamente ligado à fé da *renovatio mundis*, ao perene sentimento de renascimento, ao evento interrompido pelo alternar-se da vida e da morte da natureza e do próprio homem. Após sua morte, Carnaval renasce; banido, exilado, queimado, pontualmente reaparece no ano seguinte percorrendo o caminho do sol, do oriente ao ocidente. É o retorno do

6. CAMPORESI, 2000, p. 208

7. CAMPORESI, 2000, p. 290

8. CAMPORESI, 2000, p. 295

9. Tradicionalmente Candelária era a última festa do ano litúrgico datada por referência ao Natal; antes da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II a Candelária marcava o fim do Natal e da Epifania. O atual calendário romano substituiu o sábado antes do Batismo do Senhor pelo o último dia da temporada litúrgica do Natal. O termo "Candelária" refere-se a práticas encontradas em antigos missais romanos na qual um sacerdote em 2 de fevereiro abençoava as velas de cera com um aspergilium para uso durante o ano. Esta prática é assim chamada no Missal Romano, para a cerimônia em que velas são abençoadas, algumas das quais são distribuídos aos fiéis para usar em casa.

antigo ciclo agrário, proporcionando fartura, esquecimento e desprezo da lei histórica e social.<sup>6</sup>

Carnaval sempre representou a abundância do gordo, da comida "que faz inchar o ventre e causa flatulência", nos dias em que circulam grandes quantidades de alimento e todos saem em busca de frituras e guloseimas.<sup>7</sup> (CAMPORESI, 2000, p. 290)

O Carnaval, além disso, por muito tempo representou um importante período na iniciação sexual masculina, encarnando o aprendizado através do qual os jovens deviam passar antes do casamento, compreendendo uma série de obscenidades e licenciosidades. Mas o Carnaval representava principalmente comer até explodir. Preferiam-se os alimentos que incrementassem as "almas-peido": ervilhas, feijões e favas.<sup>8</sup>

Encontramos algumas menções nas linhas de Lourenço, o Magnífico em seus Canti Carnascialeschi:

Se ci è alcuna a chi la fava piaccia,  
la meglio infranta abbiám che ci si faccia,  
con un pestel che insino a' gusci schiaccia,  
ma a menar forte ell'esce de' mortai.

Se há alguém a quem agrade a fava,  
a melhor quebrada temos quem nos faça  
com um soquete que inclusive às cascas amassa  
mas ao bater forte ela sai do pilão.

Antes de morrer o Carnaval fazia também testamento, como antes dele haviam feito as figuras do asno e do porco levados em procissão. Numa redação do *Testamentum asini* de 1470, o animal oferece as partes de seu corpo aos herdeiros, especificando aos "*culum do sufflantibus*" (ou seja aos sopradores rituais), que deveriam se preocupar na reconstrução das almas-peido. Os ossos, o crânio e as peles deveriam ser conservados na intenção de que alguma alma, através de um sopro vital chegasse a vivificá-las. O porco e o asno, todavia, não são os únicos animais protagonistas da festa: o urso também teve, desde a Idade Média, um papel fundamental nos ritos carnavalescos. Segundo o mito, o animal saía de sua toca na véspera de São Brás, 2 de fevereiro, dia da Candelária (festa da apresentação de Jesus no Templo)<sup>9</sup>. Durante o tempo passado na toca, ele estivera em contato com as almas dos defuntos, dos quais teria enchido sua barriga para depois "esvaziá-la" através do peido, no momento do despertar, ajudado por algumas plantas laxantes.

A partir dos Quatrocentos, o Carnaval sofrera uma série de ataques, principalmente em seguida às tentativas de moralização de homens como Savonarola

e da Contra Reforma, pois era considerada uma festa pagã. Mas conseguiu, ainda, sobreviver com suas características de fundo por muito tempo.

A "Batalha entre Quaresma e Carnaval", gênero literário de grande fortuna entre a Idade Média e a Moderna, encontra num poema do início de século XVI, de provável autoria de um perugino que, entre outras coisas retomou motivos difundidos em formas literárias fora da Itália. *Madonna* Quaresma quer punir Carnaval graças à sua vida relaxada e dedicada à gula, sendo banido por 46 dias. Carnaval:

si partì con gran malinconia, portando un sacco pien di fegatelli, mangiando sempre per tutta la via con una schidonata di fringuelli, con un gran fiasco pien di malvagia	partiu com grande melancolia, levando um saco cheio de fígados, comendo sempre ao longo da estrada com uma revoada de tentilhões, com um grande garrafão cheio de malvásia.
--	---

Mas no seu regresso, decide por vingar-se e move uma guerra contra sua grande inimiga. Legumes, verduras e peixes constituem o exército de Quaresma; carnes, queijos, tortas e vinhos aquele de Carnaval, que não por acaso tem como general um enorme "porco javali". "Era Madonna scura nell'aspetto, /pallida, magra et tutta accidiosa", certamente não um tipo alegre,

sempre stava nel cor malinconiosa, et in segreto mi disse un aglietto, che molto di miserie era copiosa, et per le sue vigilie tante spesse nessun trovava che ben le volesse	sempre estava melancólica no coração, e em segredo disse-me um pequeno alho, que estava copiosa de muitas misérias, e por suas vigílias tanto gastou e não encontrava ninguém que a bem quisesse
---	--

Obviamente seu antagonista era o perfeito oposto:

Fresco e colorito, allegro, badiale et compagno, da ogni gente amato et riverito, una meraviglia nella sua tenuta di battaglia: Carnovale a cavallo era montato sopra una botte piena di malvagia, et cento polli havea da ogni lato per poter far colletione per la via, et un gran tino di cacio grattato, e poi molti tortegli appresso havia, et una sopravesta ricamata, di fegattelli et di migliacci orlata.	Fresco e colorido alegre, prospero e companheiro por toda gente amado e reverenciado, uma maravilha em seu modo de batalha: Carnaval a cavalo estava montado sobre um barril cheio de malvásia, e cem frangos tinha de cada lado para poder fazer refeição pela rua, e uma grande tina de queijo ralado, e também muitos tortélis possuía, e um chapéu bordado, de fígados e de polenta orlado.
--	--

Quaresma é presa e libertada a seguir, pois seu vencedor queria mostrar-se magnânimo; a guerra acaba, porém, com a aceitação por parte de Carnaval do período anual de banimento que lhe fora conferido; o poemeto não se conclui assim, tendo como apêndice uma oração matutina:

Comincia la devota oratione, la quale diceva  
Carnovale ogni mattina quando si levava et  
dava a tutti coloro che la dicevano un  
boccale  
di trebbiano et quatro panetti bianchi  
freschi  
et un mezo migliaccio: con quatro fegatelli  
et un capone grasso arrosto per cominciare  
a far collatione:

Santissima gallina incoronata, che per  
figliuolo havesti un caponcello,  
alla lasagna fusti maritata  
in compagnia del dolce fegatello  
et la salsiccia fu martirizata  
et pesta bene et messa in un budello  
et per farle patir pena et gran duolo  
la fu impiccata et messa al fumarolo.

Começa a devota oração, a qual recitava  
Carnaval toda manhã quando se levantava  
e dava a todos aqueles que a repetiam  
uma garrafa  
de trebbiano e quatro pãezinhos brancos  
frescos  
e uma meia polenta: com quatro fígados  
e um capão gordo assado para começar  
a fazer a refeição:

Santíssima galinha coroada,  
que por filho tivestes um capãozinho,  
com a lasanha fostes casada  
em companhia do doce fígado  
e a lingüiça foi martirizada  
e picada bem e colocada numa tripa  
e para fazê-la sofrer pena e grande dor  
foi enforcada e colocada no fumeiro.

A composição coloca em cena os "alimentos de magro" e de "gordo", que combatem em armadas opostas: de um lado os peixes, do outro as carnes flanqueadas por ovos e laticínios. Os capões assados enfrentam os robalos, a tainha e a pescada enfrentam a carne de boi, as enguias duelam com as lingüiças de porco. As verduras militam em ambos os campos, dependendo de como foram temperadas: as ervilhas no azeite de um lado, e aquelas na banha de outro.

A minúcia dos detalhes, a descrição detalhada das estratégias de ataque e de defesa até a vitória de Carnaval e a rendição de Quaresma que, mesmo fazendo a paz conforma-se a limitar a sua presença no território em poucas semanas ao ano, representam de modo extremamente vivaz as regras alimentares ligadas ao calendário litúrgico que a Igreja impusera na Europa desde o início da Idade Média: renúncia a alimentos animais em sinal de penitência em alguns períodos do ano e em certos dias da semana, sem falar das vigílias das principais festas.

Isso implica uma consideração da carne como alimento por excelência, máximo

desejo alimentar: sobre isso, a cultura medieval não tinha dúvidas. No imaginário coletivo medieval, a gordura era um valor forte, as comidas magras um sub-rogado. As comidas "magras" (peixes, verduras no azeite, laticínios) adquiriram um status social inferior, subalterno. A dieta substitutiva poderia ser também saborosa: peixes nobres e verduras delicadas poderiam, muito bem, tomar o lugar da carne nos dias de preceito. Toda uma literatura ironiza as iguarias que se diziam "dignas" às práticas da penitência: Pedro Abelardo, no século XII, indagava-se qual o mérito que possa haver na renúncia da carne de todos os dias para adquirir peixes caros e refinados!

Fato é que, via de regra, tratava-se em substituí-los. A diferença que até os nossos dias acompanhou as comidas de "magro", começando pelos próprios peixes e pelas verduras, encontra uma explicação histórica no caráter constrictivo que por muito tempo foi associado ao seu consumo. A subalternidade desses alimentos refletia-se, também, nas tentativas mais ou menos felizes de imitação de comidas "gordas", um pouco como ocorre hoje em certos restaurantes vegetarianos que utilizam-se de nomes e de formas de comidas tradicionais sob o título de "carne sem carne", que denunciam a traição de um persistente comple-

xo de inferioridade cultural.

Isso não isenta que as obrigações quaresmais tenham, de fato, aberto a estrada às novas atenções gastronômicas. O mais eloqüente dos exemplos é o do macarrão, que tomou a frente dos receituários medievais e renascentistas, exatamente como prato "magro": a multiplicidade de seu preparo e das receitas elaborados para responder às obrigações litúrgicas, abriram novos capítulos na história da cozinha e da alimentação.

Quando a alternativa gordo-magro não mais foi a ordem do dia e as receitas de peixe e de verduras começaram a emancipar-se (não antes dos séculos XVII-XVIII) do seu status quaresmal, a multiplicidade de experiências "obrigadas", feitas na tentativa de tornar palatáveis e prazerosas também as comidas "magras", revelou-se um insuspeitável investimento em termos de cultura gastronômica.<sup>10</sup>

A tal propósito, gostaria de acenar brevemente ao Combate entre Carnaval e Quaresma, 1559, pintura conservada em Viena no Kunsthistorisches Museum, da autoria de Peter Bruegel, o Velho (1525 - 1569). A obra é inspirada na luta entre os conhecidos dois personagens que representam os dois importantes períodos do ano: Gaignebet demonstrou, porém, que o grande número de personagens e de cenas

10. MONTANARI, 1999, p.64

11. FOUCAULT, 1979, p.27)

que inundam a tela, indica todo o ciclo do calendário de festas, do Natal até a Páscoa; exatamente no centro da tela, perigosamente sentado no parapeito de uma janela, no primeiro andar de uma casa, um estranho personagem observa o espetáculo rutilante do calendário que se descortina a seus pés. Tem um chapéu de cornos na cabeça, carrega um saco nas costas e usa uma máscara branca, ou seu rosto está coberto de farinha. É uma figura simbólica: a máscara branca, o chapéu característico, o saco ou bexiga nas costas, são símbolos medievais da loucura. Trata-se, portanto de um louco, o louco da Páscoa; ele representa a loucura da festa, o *risus paschalis*, mas também a loucura que observa do alto e que talvez governe todo o ciclo do calendário, a própria vida. A loucura no final da Idade Média escreve Foucault,

toma uma amplitude considerável: longa a série de "loucuras" que, estigmatizando como para o passado os vícios e os defeitos, unia-os todos não mais ao orgulho, não mais à ausência de caridade, não mais ao esquecimento das virtudes cristãs, mas a uma espécie de grande irracionalidade pela qual ninguém é realmente responsável, mas que envolve todos com uma secreta complacência.<sup>11</sup>

A vida é fátua, vã, visto que debaixo do véu das crenças e das aspirações,

debaixo das máscaras, descobre-se uma existência insensata, por mais que seja considerada feliz.

Mas o verdadeiro protagonista animal do período carnavalesco é, sem dúvida, o porco. Como o próprio Carnaval, o porco deixa um testamento ao final de sua vida. Lembremos que o testamento paródico constitui um gênero literário onde o testamentário, representado por um homem ou um animal, na hora da morte, após ter sofrido uma condenação ou um processo, decide por relatar seus últimos desejos. Esse gênero literário teve início no século IV e suas últimas composições datam do século XIX.

O testamento constitui uma sátira ou crítica burlesca da tipologia documental do testamento, ato jurídico no qual se dispõem os próprios bens atestados aos herdeiros após a morte de quem o ditou. Pertence à cultura das classes populares para as quais representa uma peculiar visão de mundo e da vida. A ocasião na qual se radicava essa forma literária era o Carnaval ou as festas populares que aconteciam entre os meses de dezembro e fevereiro.

Eis um exemplo: o *Testamentum porcelli*, atestado desde a Antiguidade e afirmado na Idade Média, no qual o próprio porco é imaginado enquanto dita seu testamento, aproveita a ocasião para

enumerar, uma a uma, as suas inúmeras benemerências à Humanidade. De São Jerônimo, que viveu entre o V e o VI séculos, aprendemos que o testamento do porco era recitado pelas crianças das escolas em forma de versos. Uma versão posterior foi publicada em Veneza, no século XVII, redigida pelo agrônomo bolonhês Vincenzo Tanara:

Avvedutasi certo venerabil porco, che dal protosguattero Zighittone doveva esser macellato, gli addimandò un hora di tempo per poter disporre delle sue facultà, così comparve il notaro di Svigo, il quale rogò l'ultima volontà di quello.

Prima lascio il mio si da una caterva di golosi con varia cuocitura nel loro ventre sepellito.

Lascio a Priapo (dio della fecondità e degli orti) il mio grugno, col quale possa cavare i tartufi dal suo horto.

Lascio a' librari e cartari i miei maggiori denti, da poter con comodità piegare e pulire le carte.

Lascio a' diletteissimi Hebrei, dai quali mai ho avuto offesa alcuna, le setole della mia schiena, da poter con quelle rappezzar le scarpe e far l'arte del calzolaio.

Lascio a' fanciulli la mia vessica da giocare.

Lascio alle donne il mio latte, a loro proficuo e sano.

Lascio la mia pelle a' mondatori e

mugnai, per far recipienti da acconciar i grani.

Lascio la metà delle mie cotiche a' scultori, per far colla di stucco, e l'altra metà a' quelli che fabbricano il sapone.

Lascio il mio sebo a' candelottari, per mescolarlo a metà col bovino e caprino e far ottime candele, con le quali li virtuosi possano alla quiete della notte studiare.

Lascio la metà della mia songia a' carrozzieri, bifolchi e carrettieri, e l'altra metà a' garzolari per conciare la canapa.

Lascio le mie ossa ai giocatori, per far dadi da giocare.

Lascio a' rustici, miei nutritori, il fiele, per poter senza spesa cavar le spine dal loro corpo, quando scalzi e nudi nel lavorar la terra gli fossero entrati nella pelle, e per poter senza spesa, in luogo di lavativo, l'indurato corpo irritare.

Lascio agli alchimisti la mia coda, acciò conoscano che il guadagno che son per fare con quell'arte è simile a quello che io faccio col dimenar tutto il giorno la detta coda.

Lascio agli hortolani le mie unghie, da ingrassar terreno per piantar carote.

In tutti gli altri miei lardi, presciutti, spalle, ventresche, barbagnie, salami, mortadelle, salcizzutti, salcizze e altre mie preparazioni, istituisco cuglio che sia mio herede universale il carissimo economo villeggiante".<sup>12</sup>

12. Vincenzo Tanara, nobre bolonhês, caçador por paixão e soldado junto de várias cortes italianas, embrenhou-se nos estudos após ter "descoberto" a biblioteca do cardeal Sforza. Desde então o marquês dedicou-se à escrita e amava redigir refugiando-se nas suas próprias terras no campo. A obra "L'economia del cittadino in villa" (1644) de Tanara, subdividida em vários livros, foi concebida tomando a inspiração em suas férias rurais. "L'economia" é um texto importante, pois narra uma nova visão da agricultura, não mais voltada à subsistência, mas sim às exigências de mercado e aos cálculos de renda. Particularmente interessantes são os incisos e os comentários sobre receitas, explícitos e diretos, ditados pelas pessoas predileções gastronômicas do marquês e pelas funções de bom pai de família.

Alimento como meio, como instrumento, comida ritual, comida de sacrifício. Exatamente nesse sentido, o porco, rei do Carnaval, é vítima sacrificial e um rito que não possui o momento da purificação, pois a festa é a festa da transgressão, da paródia, da inversão. O porco é propiciatório, com sua gordura e com sua carne, ele representa a continuidade espaço-temporal que desde tempos antigos, retorna ciclicamente a nos indicar (ou a nos iludir) os momentos e as fases da existência, do compromisso humano com o mundo, da eternidade desconhecida e amedrontadora. A comida é nutrição, mas também um fato cultural e social. Numa festa como o Carnaval, os profundos significados simbólicos colocados em ato fundam a identidade de que passado e presente se pertencem, e que o Tempo e a sua representação estão radicados na relação entre a natureza, o homem e a sociedade. Exatamente da mesma forma quando nossos ante-passados agricultores agradeciam a Natureza por tudo aquilo que ela lhes doava. Concluimos com Goethe: *"O carnaval não é uma festa que se oferece ao povo, mas uma festa que o povo oferece a si mesmo"*.

### **Referências**

BURCKHARDT, Jakob. La civiltà del rinascimento in Italia. Firenze: Sansoni, 1953.

CAMPORESI, Pietro. Il paese della fame. Milano: Garzanti, 2000, p. 208.

FOUCAULT, Michel. Storia della follia nell'età classica. Milano: Rizzoli, 1979, p. 27.

GAUTSCHI, Walter. Piccola storia del carnevale in Italia. Milano: Libreria Meravigli Editrice, 1985.

GRIMALDI, P & CASTELLI, F. Maschere e corpi. Tempi i luoghi del Carnevale. Roma: Meltemi, 1997.

MANZINI, Luigi (org.). Libro di carnevale dei secoli XV e XVI. Bologna: Forni, 1988, p.40

MONTANARI, Massimo. Alimentazione e cultura nel Medioevo. Roma-Bari: Laterza, 1999, p.64.

SENECA, Lúcio Aneu. Cartas a Lucílio. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa:



Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 158.

TANARA, Vincenzo. L'economia del cittadino in villa. Venezia, 1665, p.193-4

VEYNE, Paul. La vita privata nell'impero romano. Roma-Bari: Laterza, 2006.

[www.classicalitaliani.it/lorenzo/lorenzo1.htm#lore11](http://www.classicalitaliani.it/lorenzo/lorenzo1.htm#lore11)

[www.festadelnino.org/menu/archivio/Testamentum%Porcelli\\_2.html](http://www.festadelnino.org/menu/archivio/Testamentum%Porcelli_2.html)